

Editorial

Treze é um número primo, bastante popular, presente em diversas histórias, mitos e superstições. Para alguns representa azar, para outros esperança. Nós pertencemos ao segundo grupo, daqueles que acreditam na ideia de recomeço, do fim de um ciclo para início de um outro, não só diferente, mas especialmente melhor. O que nos sustenta e, ainda nos permite seguir, é a esperança de um amanhã que se aproxima, com um gosto menos amargo e um cheiro mais agradável do que se tem no Brasil de hoje.

Este texto possui um alívio, como de quem se aproxima do fim de um ciclo, mas também um pesar, como quem avalia o saldo dos últimos acontecimentos e seus impactos para o coletivo. É um alívio, sem dúvidas, tirar das costas estes últimos sete anos - que foram sim, de conquistas e aprendizados, mas também de muito cansaço -, e, igualmente, um pesar, de uma certa despedida, sem ser de fato uma, como aparece nos dicionários. Esperamos que o alívio também seja um alívio político, posto que este texto está sendo escrito uma semana antes das eleições gerais no Brasil de 2022, mas, do fundo de nossos corações, torcemos para que o nosso país seja feliz de novo. Em 2023, logo em janeiro, primeiro mês do ano, teremos uma sexta-feira 13, mas dessa vez será um dia de sorte, de comemoração. Nesse momento, o pesar será um verbo conjugado somente no pretérito. Vencemos, estamos vivos!

Recentemente, a Desvio passou por um problema. Um problema não exatamente novo, mas que nos fez repensar sobre muitas das questões, por exemplo, o quanto esse projeto exige não só da nossa disponibilidade e conhecimento, mas também de nossa saúde mental. Nos fez pensar também o quanto estamos - ou nos sentimos - sozinhos e o quanto este trabalho é bastante penoso e pouquíssimo reconhecido, e ainda assim, diante tantas adversidades, seguimos, fazendo o melhor possível. Honestamente, nós não sabemos o que o futuro reserva para Desvio, mas torcemos para um dia descobrir que nada foi em vão. Torcemos, na mesma intensidade, para que os próximos anos tragam esperança, motivação e descobertas para as questões que nós, editores-chefes, levantamos diariamente. Saudamos a todos que trabalham no campo da arte, cultura e educação, e torcemos para que, um dia, nossos esforços e nosso labor tão dispendioso, importante e cansativo, seja devidamente reconhecido.

A capa da 13ª edição ficou a cargo da dupla Amador e Jr. Segurança Patrimonial Ltda., artistas que muito estimamos, parceiros de longa data. A imagem escolhida foi uma fotografia em preto-e-branco da série Ensaio, produzida em colaboração com Everson Verdião. Posicionados de forma ereta, uniformizados, com expressão séria, é quase como executassem a salvaguarda da revista. No miolo, na seção Página Dupla, da qual Jandir Jr. foi um dos primeiros convidados, em 2018, encontra-se os trabalhos de Guilherme Kid e de Leandro e Silva, respectivamente a acrílica sobre tela Mato um dragão por dia e o santinho Novena a São José Operário para conseguir emprego. Nesse sentido, evidencia-se na seleção propostas que têm em seu cerne a questão do trabalho e a figura do trabalhador. Na pintura, lembramo-nos da população do subúrbio que acorda de madrugada para trabalhar, sofre com o transporte público lotado, tem sua mão-de-obra explorada, e, constantemente, de forma romantizada, é chamada de guerreira. No santinho, por sua vez, o rosto do personagem é retirado para dar lugar a uma foto 3x4, semelhante a de carteiras de trabalho. Antes de uma referência a iconologia católica, tratam-se de uma coincidência, que reúne aqui dois símbolos de fé, do imaginário popular, sendo um o Padroeiro Guerreiro e o outro dos Trabalhadores. Proteção e trabalho é o que queremos e desejamos para todos. Que nossas preces sejam ouvidas!

Começamos esta edição com o **Caderno Especial - Conservação e Restauração**, formado por textos de Patricia Riggo Cordeiro, Fabiana Moreira de Almeida e Lucas Valdez da Paz Ramos, Diana Bulcão Duarte Simões, Luiza Batista Amaral, Carolina Lewandowski, Gabriela Lúcio de Sousa, todos formados em Conservação e Restauração pela EBA/UFRJ. Dessa vez, quebrando um pouco o protocolo, sugerimos a leitura do texto editorial do próprio caderno para saber mais sobre os autores dele. É um conteúdo muito importante, não perca!

A 13ª edição é composta por artigos, ensaios e relatos de experiência que versam sobre imagem, arquivo, decolonialidade, sistema de arte e construção de narrativas. A seleção abarca uma diversidade no que diz respeito aos autores, atuantes na área de artes visuais, cênicas, história, jornalismo, letras, moda e relações públicas, oriundos de Minas Gerais, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, bem como manifesta a pluralidade das investigações, com recortes de época, locais, técnicas e linguagens distintas, de metodologias e referenciais teóricos.

A começar pelo ensaio teórico de Alynne Cavalcante Bezerra Silva, Velázquez através do espelho: reflexões e remontagens, que adota como ponto de partida Las Meninas (1656), de Diego Velázquez, para discutir não apenas sobre o detalhe representado no fundo da pintura, mas igualmente para versar acerca de outros nomes que lhe serviram de referência e como o próprio influenciou diversos artistas. Em seguida, Ana Clara Soler nos apresenta A iconoclastia dentro do sistema da arte como demanda de revisões históricas e historiográficas, no qual analisa o modo como artistas contemporâneos se utilizam da iconoclastia para desafiar a autoridade e hegemonia do sistema da arte.

Na sequência, quatro artigos se aproximam por promoverem debates quanto à herança colonial, relações étnico-raciais, epistemicídios e território. A começar por Eduardo Madeiro Bastos de Santa, com o texto *Construindo uma nação inventada chamada Brasil*, os conceitos de memória, identidade e nação são investigados a partir de sua formação no Brasil Oitocentista, sendo adotado a pintura *A Redenção de Cam* (1895), de Modesto Brocos, como objeto adequado para exemplificar o eugenismo pós-abolição da escravatura. Já Laura Zanon Irineu em parceria com Josiele Kaminski Corso Ozelame, convidam-nos a refletir sobre *O perigo da história única*: a importância de um ensino de literatura decolonial no Brasil, como anuncia o próprio título. Na busca pela valorização de produções culturais negras, dedicam-se a investigar escritores afro-brasileiros e a adoção de suas obras para o ensino de literatura na escola, possibilitando dessa forma que os alunos conheçam narrativas para além daquelas que lhes foram impostas pelo colonizador. E assim como os negros, a população indígena também sofre com a violência colonial, por isso, o artigo de Lucas Vinícius Rocha de Araujo, intitulado *Arte Ameríndia: artefato, arte e agência, perspectivismo ameríndio e repatriamento*, tem uma importância singular. Sob a luz de teóricos da antropologia, arqueologia e arte, seu objetivo consiste em ampliar a compreensão de como a práxis artística se dá em comunidades indígenas localizadas nas Terras Baixas da América do Sul, valorizando suas respectivas cosmologias. Por fim, Walter Arcela tem como foco discutir se existe ou não historicamente uma tendência ecológica na produção de artes visuais da Paraíba, bem como a identificação das temáticas, materiais e discursos. Ao se voltar para um território específico, nesse caso, um estado da região Nordeste do país, ele também nos convida a se informar sobre o que acontece em um país continental como o Brasil.

Os dois próximos textos são relatos de experiências que, cada uma à sua maneira, tem o arquivo como base. O primeiro, *Digitalização e catalogação do acervo de jornais do Centro de Memória Social (CMS) UEMG/Passos*, foi escrito por Mariana Gabriela Borges Matos e Silva, já o segundo, *Arquivo Vivo: uma experiência de corpo político no espaço público*, é de autoria de Ribamar Ribeiro. Esse último, artista visual e cênico, traz o relato sobre a sua própria performance, criada a partir de documentos de pessoas desaparecidas por razões políticas durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). Em seu texto compartilha com o leitor o processo criativo, a poética da imagem e a experiência com o público. Que o terror, a censura e a repressão, tão presentes de tempos sombrios, não retornem à nossa sociedade, que permaneçam sim, como memória de um passado que não se deseja a ninguém. Por fim, temos a entrevista feita com o *Mó Coletivo* por Clarisse Gonçalves, produtora de conteúdo da revista. Nos moldes da *Desvio Indica*, a ideia aqui é compartilhar um pouco sobre a trajetória e atuação de um coletivo formado por quatro mulheres negras, artistas e pesquisadoras, oriundas de bairros periféricos da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Formado por Carolina Rodrigues (Realengo), Laís Castro (Campo Grande), Mariana Maia (Santa Cruz) e Mery Horta (Bangu/Pedra de Guaratiba), desde 2019 investigam coletivamente questões relacionadas à gênero, raça e território. E, por último, uma nova versão do texto *O museu privado sem fins lucrativos*, um esboço do caso MAM-Rio, de Natália Quinderé.

O ensaio, publicado anteriormente em nosso site no formato de crítica, corresponde a uma oportunidade de revisitar as questões promovidas sobre instituições, sistema e mercado de arte.

Encerramos a 13ª edição - um treze emblemático - por aqui.

Que boas novidades nos aguardem, que o futuro seja mais justo com nossos projetos e com o nosso esforço.

E que a luta continue.

Até.

Gabriela Lúcio e João Paulo Ovidio.
Editores-chefe da Revista Desvio - 2022.